



PEGADAS, MARCAS E RESISTÊNCIAS:

Folguedos de Boi no Rio Grande do Sul

Stefania Johnson Colombo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

stefaniaflauta@gmail.com

GT 11 – Música, territórios e encontros: a sonoridade das f(r)estas

Resumo:

Pegadas e marcas foram deixadas no solo e na história do Rio Grande do Sul por meio de trânsitos, deslocamentos e processos (i)migratórios e autóctones constitutivos da formação do estado. Nesse contexto, as identidades culturais negras e indígenas, historicamente marginalizadas, foram atravessadas por dinâmicas de branqueamento e racialização, que contribuíram para o apagamento de suas presenças nas narrativas hegemônicas das tradições culturais gaúchas. Este trabalho apresenta reflexões e resultados parciais de uma pesquisa etnomusicológica em andamento sobre os folguedos de Boi no Rio Grande do Sul, com base em trabalho de campo realizado entre 2025 e 2026 nos municípios de São Jerônimo e Encruzilhada do Sul. Tradicionalmente associados às regiões Norte e Nordeste do Brasil, os festejos ligados a figura do Boi, também se fazem presentes no território sul-rio-grandense, ainda que historicamente invisibilizados nos discursos dominantes sobre a cultura local. A partir de uma abordagem etnográfica, o estudo articula análise documental, observação participante, registros audiovisuais e escuta de narrativas de brincantes e Mestres. Ao longo de dois anos de inserção em campo, foi possível acompanhar festejos, modos de organização comunitária e processos de transmissão de saberes. O trabalho busca mapear e analisar essas manifestações, refletindo sobre seus significados sociais, musicais e culturais, bem como sobre seus processos históricos de invisibilização e resistência que as atravessam no contexto gaúcho.

Palavras-chave: Folguedos de Boi no Rio Grande do Sul; Festejos de Boi no Brasil; Memória Cultural; Bumba-meu-boi; Tradições Culturais de Boi no Rio Grande do Sul.

FOOTPRINTS, MARKS, AND RESISTANCE:

Boi Festivities in Rio Grande do Sul

Abstract:

Footprints and marks were inscribed in the soil and in the history of Rio Grande do Sul through processes of movement, displacement, and (im)migration, as well as autochthonous dynamics that shaped the formation of the state. In this context, Black and Indigenous cultural identities, historically marginalized, were traversed by dynamics of whitening and racialization, which contributed to the erasure of their presence in hegemonic narratives of gaúcho cultural traditions. This paper presents reflections and partial results of an ongoing ethnomusicological research on Boi festivities in Rio Grande do Sul, based on fieldwork conducted between 2025 and 2026 in the municipalities of São Jerônimo and Encruzilhada do Sul. Traditionally associated with Brazil's North and Northeast regions, festivities related to the figure of the Boi are also present in the southern territory, although historically rendered invisible in dominant discourses on local culture. Drawing on an ethnographic approach, the study articulates documentary analysis, participant observation, audiovisual recordings, and the listening to narratives of performers and Masters. Over two years of fieldwork, it was possible to follow festivities, modes of community organization, and processes of knowledge transmission. The paper seeks to map and analyze these manifestations, reflecting on their social, musical, and cultural meanings, as well as on the historical processes of invisibilization and resistance that traverse them in the gaúcho context.

Keywords: *Boi Festivities in Rio Grande do Sul; Boi Festivities in Brazil; Cultural Memory; Bumba-meu-boi; Cultural Traditions of Boi in Rio Grande do Sul.*

Introdução

Quando pensamos em tradições de Boi no Brasil, estados das regiões Nordeste e Norte vêm logo na lembrança, como detentores de inúmeras manifestações culturais desta natureza, fervilhando festejos durante diferentes períodos do ano, como nos ciclos natalinos, carnavalescos e juninos. No entanto, não são os únicos que possuem estes folguedos, pois o Boi, nas suas diversas formas expressivas, está presente em todas as regiões do Brasil.

Conforme registrado no livro da Funarte da coleção *Museus Brasileiros* – 5. Museu de Folclore Edison Carneiro:

O folgado folclórico de maior incidência no Brasil tem como centro o *boi*, figura constante já em antigas civilizações, em proporção mítica, em relação aos ciclos agrários, divindade, representação de força e de fertilidade; entremeou depois as festas profanas do Carnaval e, em conotação com a Festa do Divino e de São João, espalhou-se pelas terras lusitanas. Ao difundir-se no Brasil, recebeu denominações, formas e enredos diferentes: *bumba-meu-boi*, *boi-bumbá*, *boi-calemba*, *boizinho*, *boi-janeiro*, *boi-de-jacá*, *boi-de-mamão*, *Reis-de-boi* etc. Em qualquer modelo, a figura maior é o boi [...] (Funarte, 1981, p.32)

Todas as tradições existentes se entrelaçam, compartilhando origens e caminhos comuns, mas com influências distintas demonstrando a multiplicidade cultural dos festejos de Boi no Brasil. Cada variação recebe novos personagens que abrilhantam a diversidade destas tradições. A figura central é sempre o Boi que tem sua alma incorporada pelo “tripa” ou também chamado de “miolo”, brincante, que embaixo dos panos, veludos e chitões, dá vida a esse ser fascinante.

Ser boi, ajeitar-se debaixo da cobertura e encarnar aquele que conduziu a economia brasileira no ciclo do couro e se tornou indispensável nos demais (açúcar, ouro, café), saber investir e se defender, atacar e recuar, dançar, morrer, deixar-se repartir, ressuscitar, voltar a bailar e sair do terreiro e das praças com cantigas, tambores, pandeiros [...] (Funarte, 1981, p.32)

Na região Sul, o Boi de Mamão, com seus personagens característicos, é amplamente reconhecido como uma tradição do estado de Santa Catarina. No entanto, no Rio Grande do Sul também há registros históricos de grupos vinculados às tradições de Boi que mantêm suas práticas até os dias atuais. Nesse contexto, destaca-se o município de São Jerônimo, localizado na Região Carbonífera do estado e cidade de origem de minha família, onde se encontra o Bloco do Boi, cuja trajetória ultrapassa oitenta anos. Sua origem remonta à década de 1930, no distrito de Porto do Conde, tendo sido fundado por Marcolino, funcionário da viação férrea oriundo de Santa Maria. À época, o carnaval local caracterizava-se por intensa participação popular, com as ruas sendo ocupadas por numerosos brincantes durante as saídas dos blocos. Nesse cenário, o Bloco



do Boi consolidava-se como uma das principais atrações, marcado pela liberdade, alegria e criatividade, reunindo participantes de diferentes segmentos da população.

A motivação desta pesquisa nasce de uma relação que remonta à minha infância, vinculada à vivência na cidade onde fui criada e à ligação cultural ali estabelecida. Essa trajetória me insere no campo tanto como pesquisadora quanto como brincante, em um contexto no qual meus interlocutores pertencem ao meu próprio núcleo familiar. A escuta sensível das narrativas dos “mais velhos”, ao rememorarem suas infâncias e juventudes, reafirmou a escolha deste tema de pesquisa.

A cerca de 120 km de São Jerônimo seguindo para o Vale do Rio Pardo encontramos outra tradicional festividade gaúcha realizada no primeiro sábado após o carnaval, que é o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul. Nascido com famílias da região há mais de 150 anos, passou por um período de esquecimento, e foi resgatado pelos Mestres Firmino e Humberto e hoje o Boizinho de Pano, como também é chamado, é coordenado pelo neto de Firmino, Diogo Kucharski, que leva adiante a paixão ancestral pelo Boi Gaúcho.

Partindo para o litoral rio-grandense encontramos o Boizinho da Praia, um auto folclórico pesquisado e resgatado pelo Mestre Ivan Therra, mantido pelo Ponto de Cultura Flor da Areia no município de Cidreira. Esta pesquisa contou com a oralidade e memória dos moradores da região que lembravam saudosos do festejo dos Boizinhos na beira da praia ocorrido sempre nos meses de junho. O projeto resgata a memória das tradições de Boi litorâneas em diversos municípios como Tramandaí, com o Boizinho Pimpão, Santo Antônio da Patrulha, com ensinamentos do rabequeiro João Negrume e em Balneário Pinhal com o Boizinho de Concha. Tantas tradições, que não são mais brincadas, mas estão no imaginário popular dos moradores mais antigos do litoral do Rio Grande do Sul, região que compartilho a ancestralidade, pois minha bisavó Irma, era nascida em Osório, cidade que também contava com a presença de folguedos bovinos.

Outros municípios como Caxias do Sul, Jaguarão, Passo Fundo, Porto Alegre, Torres, Vacaria e Viamão, também aparecem citados em pesquisas, como possuidores de tradições de Boi em sua história. No livro “Gente e Outras Coisas da Fronteira Sul” Sérgio Franco destina um capítulo para “O Bumba-Meu-Boi em Jaguarão” e levanta fatos que justificam a chegada do “Bumba-meu-boi” com traços marcantes das tradições nordestinas na região. Franco aponta que durante o século XIX soldados nordestinos vindos da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte atuaram em unidades de infantaria em Jaguarão, o que pode explicar esse intercâmbio cultural nacional.

Paixão Cortes retrata em seu livro “Folclore gaúcho: festas, bailes, música e religiosidade rural” que a nomenclatura “Boizinho” era utilizada no RS, designando tradicionalmente o desfile de um Boi pelas ruas de cidades, acompanhado de brincantes majoritariamente mascarados e

fantasiados no período carnavalesco. “[...] O nosso boizinho apresentava-se com peculiaridades distintas e muitas vezes, outrora, integrando os cortejos do Terno de Reis, Pau-de-Fita e Jardineira[...]”. (Cortes, 1927, p. 249). Dante de Laytano aponta a existência do Bumba-meu-boi na capital gaúcha “[...] assistimos inúmeros ‘bois’ na rua da Praia, Praça do Portão, e no Partenon” com os brincantes oriundos majoritariamente da “Colônia Africana” (Laytano, 1987, p. 321) e complementa que “Há 40 anos, os negros da Colônia de São Pedro, de Torres, cantavam Bumba-meu-boi e ensinaram os atuais, que mudaram o nome para boizinho”. (Laytano, 1987, p. 333). No livro “Folclore Negro das Alagoas”, Abelardo Duarte (1974) apresenta também as nomenclaturas “Boi de Reis” e “Boi-Dá, pertencentes ao vocabulário gaúcho em relação a seus Folguedos de Boi.

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa etnomusicológica em andamento que investiga as tradições de Boi no Rio Grande do Sul a partir de uma abordagem etnográfica. O trabalho de campo foi realizado entre os anos de 2025 e 2026, e segue em andamento com inserção continuada em contextos festivos e comunitários nos municípios de São Jerônimo e Encruzilhada do Sul. Diante deste cenário, esta pesquisa busca compreender de que maneira os folguedos de Boi no Rio Grande do Sul se constituem enquanto práticas culturais de resistência, analisando seus aspectos musicais, sociais e simbólicos, bem como os processos históricos que contribuíram para sua invisibilização.

Ao considerar os folguedos de Boi como fenômenos culturais amplamente disseminados no Brasil, torna-se necessário compreendê-los não apenas como manifestações festivas isoladas, mas como sistemas simbólicos complexos que articulam história, música, performance, religiosidade e memória. Nesse sentido, tais práticas podem ser compreendidas como manifestações culturais que transitam nos campos da tradição e da reinvenção, respondendo às dinâmicas contemporâneas das comunidades que as mantêm. As relações entre cultura popular e os processos históricos de formação social no Brasil constituem um eixo central para a análise dessas práticas, especialmente no que se refere às contribuições afro-indígenas no território gaúcho. O deslocamento dessas manifestações entre diferentes regiões e contextos evidencia a existência de fluxos culturais internos que tensionam e problematizam leituras regionalistas rígidas, revelando a circulação de saberes, práticas e estéticas entre distintas localidades.

O Boi no Rio Grande do Sul

Uma das questões que surge é “Porque o Rio Grande do Sul, um Estado pecuarista não possui as tradições de Boi como forte cultura viva e valorizada no Estado?” A construção da identidade gaúcha esteve profundamente vinculada a projetos que buscaram consolidar uma

imagem do estado, amplamente difundida por instituições tradicionalistas, pela literatura regionalista e por políticas culturais oficiais, que privilegiaram determinadas matrizes identitárias, sobretudo de origem europeia, em detrimento de outras. Nesse processo, o apagamento das tradições afro-gaúchas e originárias foi perceptível e recorrente na história formadora do RS, frequentemente silenciadas ou relegadas a posições secundárias, desencadeando uma narrativa que invisibilizou práticas socioculturais que não se enquadravam no ideal de “gauchidade” dominante.

Para o pesquisador Jackson Raymundo,

[...] quando se fala de etnicidade no Rio Grande do Sul, cabe destacar a construção feita ao longo do século XX da figura do gaúcho. [...] O protótipo do gaúcho seria o homem dos pampas, mais tarde agregando também o imigrante europeu (alemão e italiano). O negro e o “índio” andariam sempre à margem do sentido de “gauchidade”, atuando como coadjuvantes ou mero figurantes. (Raymundo, 2013, p. 6)

Segundo Jean Fábio Santana em sua dissertação intitulada “A Festa do Bumba-Meu-Boi no município de Encruzilhada do Sul: Um estudo de caso sobre contribuições afrodescendentes nos processos de identidade étnico-racial múltipla na sociedade brasileira”:

A manifestação folclórica do Bumba-Meu-Boi no município de Encruzilhada no Rio Grande do Sul pode ser considerada uma expressão folclórica outsider, a partir do momento que a colocamos dentro do guarda-chuva das manifestações folclóricas ditas como próprias do Sul do Brasil. Por isso, reiteramos que ele (“Boi”), enquanto manifestação cultural carregada de elementos afro-indígena-nordestino, sendo realizado e oficializado como festa oficial de uma cidade localizada na região mais brancoreferencializada do Brasil, visibiliza a incidência de uma criativa experiência outsider dos negros no mundo dos brancos (Santana, 2019, p.56).

Esse processo de apagamento pode ser compreendido à luz das dinâmicas de racialização que atravessam a formação social brasileira. Ao longo da história, práticas culturais associadas a populações negras e indígenas foram frequentemente deslegitimadas, classificadas como “atrasadas”, “exóticas” ou “não pertencentes” aos contextos locais em que se manifestavam. Dessa forma, os folguedos de Boi no estado podem ser interpretados como práticas que resistem a esses processos de exclusão simbólica, afirmando a presença de outras matrizes culturais e tensionando as narrativas oficiais sobre identidade e pertencimento.

No Rio Grande do Sul, o preconceito estampava-se inclusive através de críticas de jornais apontando o Boi como algo exógeno e não pertencente a comunidade, como no caso do município de Jaguarão. Sérgio Franco aprofundou sua pesquisa em matérias antigas do acervo do IHGRGS¹ e localizou diversas reportagens como esta, de janeiro de 1869 do jornal “Atalaia do Sul”:

¹ Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Foi este ano o divertimento popular que esteve em moda, o denominado “bumba-meu-boi”. Durante alguns dias, um bando percorreu as ruas da cidade à noite, e parando em frente das casas, exibia os alegres e festivos cânticos dos Reis, e as grotescas pantomimas do “bumba-meu-boi” e do cavalo marinho. São costumes do passado que divertem pela novidade e estranheza das cenas. (Franco, 2001, p.75)

A identidade cultural brasileira é multiétnica, constituída, muitas vezes, por intercâmbios pouco visíveis ou propositalmente marginalizados nesse permear intercultural. E em diversos contextos “O folguedo reforça o instinto de coesão do povo” (Carneiro, 1965, p.116). O fato de haver tradições de Boi no RS com características afro-indígenas e nordestinas em cidades interioranas do estado, demonstra como os fluxos culturais estão presentes em todo o processo de desenvolvimento histórico do Brasil.

Abelardo Duarte aponta em seus estudos sobre as tradições de Boi que:

Releva notar também a circunstância de ter sido o Bumba-meu-boi um folguedo da ralé, ou como diz Melo Moraes Filho “o divertimento da canzoada, da gente de pé rapado”. Ou dito de outro modo: dos grupos negros ou crioulos de condição mais baixa econômica e socialmente falando (Duarte, 1974, p. 256)

O Bloco do Boi em São Jerônimo é o exemplo de um folguedo de margem que contemplava amplamente pessoas pertencentes a grupos minoritários. Tantos invisíveis no dia a dia, aos olhos da sociedade, tinham na saída dos Blocos, um espaço para serem livremente o que sempre foram. A “desconstrução dos ritos e das hierarquias que regem o cotidiano de nossa sociedade” (Duarte, 2007, s/p) se via presente na noite dos Carnavais e festejos de rua do Rio Grande do Sul.

A base para as tradições de Boi no Brasil apresenta a história de personagens negros escravizados, muitas vezes encenando “uma sátira ao patriarcalismo escravagista [...]” (Beltrão, 2001, p. 232). Com inúmeras variações, Mãe Catirina uma mulher negra grávida estava com desejo de comer língua de Boi, e Pai Francisco seu marido, mata o boi mais bonito da fazenda para satisfazer o seu desejo. Arrependidos ou em outras versões jurados de morte pelo dono da fazenda, um homem branco e rico, buscam um curandeiro (Pajé), importante figura que ressuscita o Boi, que em certos casos é substituído por padres, médicos e no Boi de Encruzilhada esta figura é um veterinário. O Boizinho de Pano encruzilhadense é representado com elementos próprios a partir de personagens típicas do estado como os Tropeiros, que comandam a apresentação e protegem o Boi, além da figura central, que é o Boi. Já em São Jerônimo a figura única é o Boi, que é acompanhado por uma multidão de brincantes fantasiados livremente, e que desfilam pelas ruas da cidade acompanhando o Bloco.

Conforme aponta o folclorista Abelardo Duarte:

É preciso deixar, em verdade, as fronteiras do folguedo para compreender que sua origem se perde talvez nos confins da história: Do culto do Boi ou culto totêmico do Boi; do Boi Apis de origem pagã; das Bufonias gregas; dos cortejos e procissões simbólicos do animal vivo ou sacrificado, de mil e um elementos históricos e folclóricos, religiosos e pagãos, literários e culturais, procuramos extrair a origem do folguedo que a ralé nos deixou (Duarte, 1974, p. 275)

Essa ampla gama de variedades dos folguedos demonstra a diversidade étnico-racial-cultural em todas as tradições de Boi no Brasil.

Em Campo

O trabalho de campo constitui o eixo central desta pesquisa, sendo desenvolvido de forma contínua ao longo de anos junto às comunidades vinculadas às tradições de Boi no estado. Em São Jerônimo, o Bloco do Boi apresenta-se como uma manifestação de caráter popular e comunitário, marcada por intensa participação e adesão de brincantes durante o Carnaval local. A partir do acompanhamento de saídas do Bloco e da escuta de relatos de moradores e participantes, foi possível observar a ocupação das ruas como espaço de celebração coletiva, caracterizada pela adesão espontânea da comunidade. Além da minha inserção atual no grupo, mobilizo também uma trajetória de mais de 25 anos de convivência com o Bloco do Boi, vivenciada junto à minha família, residente do município, o que potencializa as dimensões de análise e vivências de campo. Nos anos de 2025 e 2026, foi possível retomar o contato com o folguedo e aprofundar o conhecimento acerca dos sujeitos responsáveis pela manutenção da tradição. Para isso, contei com o apoio fundamental de meus avós que, inseridos no cotidiano da cidade, rapidamente identificaram quem estava à frente da organização, indicando inclusive o endereço para a realização da visita.

Na tarde da saída do Bloco, em 2025, dirigi-me à residência de “Capacete”, como é conhecido o então mantenedor do grupo para fazer o primeiro contato. O encontro foi marcado por uma longa conversa, na qual compartilhamos memórias e trajetórias. Ao apresentar minha relação familiar com a cidade, descobrimos conexões comuns, característica recorrente em contextos interioranos, uma vez que sua família conhecia a minha. Permanecemos por horas em diálogo, até que o tempo nos conduziu aos preparativos para a saída do Bloco, sendo necessário retomar a conversa no dia seguinte. A partir desse primeiro contato, estabeleceu-se uma relação de proximidade e colaboração que se desdobrou ao longo da pesquisa.

Atualmente, na programação carnavalesca de São Jerônimo, o Bloco do Boi realiza suas saídas em dois dias consecutivos, sexta-feira e sábado posteriores à data oficial do carnaval em caráter nacional. Para acompanhar também o festejo em Encruzilhada do Sul, cuja saída ocorre exclusivamente no sábado, organizo minha presença em campo de modo a participar das atividades em ambos os municípios, dividindo o acompanhamento entre os dois coletivos.

Em ambas as cidades, a figura do Boi, conduzida por um brincante, mobiliza uma dinâmica de interação direta com o público, atravessada por afetos que oscilam entre o encantamento e o medo, especialmente entre crianças, que se aproximam e fogem do Boi que corre em direção a elas, assustando e desafiando. Essa dimensão lúdica, associada à memória afetiva, revela a profundidade da inserção do folguedo na vida cotidiana da comunidade. A circulação pelas ruas durante o cortejo também demonstra dimensões espaciais importantes, uma vez que determinados trajetos, paradas e interações com moradores configuram uma geografia afetiva do festejo. Cada rua percorrida carrega significados específicos, associados a histórias, famílias e vivências coletivas.

A experiência etnográfica junto aos folguedos evidencia que essas manifestações não se restringem ao momento do cortejo ou do desfile, mas se constituem por meio de uma rede de relações sociais que se estende ao longo de todo o ano. Preparativos, encontros informais, interações cotidianas e memórias compartilhadas formam um tecido social que sustenta a continuidade do folguedo. Nesse sentido, o Boi não se limita a um elemento performático, mas se configura como uma manifestação cultural complexa, na qual se articulam, de diferentes maneiras, as sociabilidades locais.

Em Encruzilhada do Sul, o Bumba-meu-boi apresenta uma estrutura narrativa composta por personagens que interagem diretamente com o Boi ao longo da performance. A presença de figuras como os tropeiros e o veterinário evidencia adaptações locais do enredo tradicional, incorporando elementos próprios da cultura regional. No dia da festa, o cortejo tem início na residência da família de Mestre Firmino, de onde o Boi parte para ganhar as ruas da cidade, passando por casas e estabelecimentos comerciais e recebendo agrados de moradores e comerciantes. O veterinário conduz o Boi até as residências onde a comunidade aguarda sua chegada. Nesses momentos o Boi se abaixa e o personagem pergunta aos anfitriões se há algo a ser oferecido. Como resposta, são entregues bebidas, alimentos e contribuições em dinheiro, posteriormente partilhadas entre os integrantes da brincadeira. O Boi somente se levanta após receber o agrado, estabelecendo uma dinâmica ritualizada de troca entre brincantes e comunidade.

O cortejo percorre diversas quadras até alcançar a avenida central da cidade, onde a interação se intensifica. Nesse espaço, forma-se uma grande concentração de público,

especialmente de crianças, que aguardam com expectativa o momento em que o Boi passa a persegui-las mais ativamente, pois já encerrou seu ciclo de visitas às casas. Aproximando-se do “animal”, provocam-no com expressões como “Êra Boi” e, por vezes, jogam espuma de Carnaval, estimulando a reação do Boi, que corre em suas direções. Essa dinâmica se repete sucessivamente, configurando um jogo lúdico entre medo e diversão, até o encerramento do cortejo, quando outras programações festivas, como shows promovidos pela prefeitura, passam a ocupar o mesmo espaço.

A transmissão dos saberes ocorre majoritariamente de forma oral e intergeracional, por meio da vivência coletiva, sendo mediada por Mestres e famílias diretamente envolvidas na organização do festejo. A continuidade da tradição está, portanto, intrinsecamente vinculada ao engajamento comunitário e à valorização desse modo de fazer cultura. Observa-se que, nos momentos que antecedem a saída do cortejo, os participantes se reúnem para uma oração coletiva, seguida de falas que enfatizam a importância da perpetuação da manifestação. Nessas ocasiões, são recorrentes expressões de orgulho pela manutenção do folguedo, pela participação das novas gerações, especialmente das crianças, e pela responsabilidade de dar continuidade ao legado dos antepassados que já brincavam o Boi. Tais enunciados, frequentemente marcados por forte carga emocional, evidenciam o sentido de pertencimento e compromisso coletivo que sustenta a tradição no contexto encruzilhadense.

Um aspecto relevante a ser observado, do ponto de vista etnomusicológico, é que a música pode ou não se constituir como elemento estruturante do folguedo, variando conforme o contexto. No caso do Bloco do Boi, há a presença de um naipe de percussão cujas levadas remetem a gêneros carnavalescos como samba, axé e marcha. Não é possível identificar uma rítmica específica associada ao “Boi”, mas sim padrões musicais que refletem o repertório e a experiência dos próprios integrantes, variando de acordo com quem assume a condução da bateria. Muitos dos instrumentistas participam também de Blocos de Samba, trazendo para o folguedo essa bagagem musical. Em conversa com meus familiares surgiram lembranças de que a rítmica do Boi era, em outros períodos, distinta da atual, indicando perceptíveis transformações ao longo do tempo. Durante o cortejo pelas ruas, o Boi se desloca acompanhado exclusivamente pela percussão. Ao chegar à avenida principal, onde há uma estrutura de apresentação compartilhada entre os grupos carnavalescos da cidade, ocorre uma reconfiguração da performance. Os participantes mais experientes assumem os microfones do carro de som, e as levadas rítmicas passam a ser acompanhadas por letras cantadas, conduzindo a apresentação do Boi ao longo da via. Nesse contexto, a música funciona como elemento fundamental da performance. Ainda que as práticas apresentem variações, é possível identificar continuidades no uso de instrumentos



percussivos e na presença de vocalidades coletivas, reforçando o caráter participativo e comunitário da manifestação.

Em Encruzilhada do Sul, observei a ausência de execução musical durante a manifestação. No entanto, ao analisar fotografias antigas, identifiquei a presença de Mestre Firmino portando uma gaita, o que sugere que a dimensão musical já esteve presente de outras formas no folguedo. Ao questionar Diogo Kucharski sobre esse aspecto, ele relatou que seu avô não executava um repertório específico vinculado ao Boi, mas tocava conforme as solicitações dos participantes, mobilizando canções diversas ao longo do percurso pelas ruas. Esse aspecto ainda demanda maior aprofundamento investigativo de minha parte, a fim de compreender de forma mais consistente as práticas musicais associadas ao Bumba-meu-boi encruzilhadense.

Os contextos de São Jerônimo e Encruzilhada do Sul evidenciam distintos modos de organização e atribuição de sentidos aos folguedos de Boi no estado. Em ambos os casos, observa-se ampla participação espontânea da comunidade nas ruas, contudo, em Encruzilhada do Sul, destaca-se um envolvimento familiar mais estruturado, no qual as filhas de Mestre Firmino atuam como guardiãs da memória do folguedo, preservando, em âmbito doméstico, um conjunto significativo de registros e materiais documentais organizados sobre a trajetória do grupo. Essa diversidade de configurações reforça a necessidade de abordagens analíticas que considerem as especificidades contextuais de cada manifestação, evitando generalizações simplificadoras, reconhecendo a pluralidade das formas que os folguedos de Boi se apresentam no Rio Grande do Sul.

A partir dessas vivências, a coleta de dados está sendo efetuada utilizando os recursos de diários de campos, gravações em áudio e vídeo, registros fotográficos, entrevistas e conversas documentadas de forma dialógica compreendendo que “a pesquisa de campo faz parte intrínseca do levantamento de dados e de informações” na etnomusicologia (Pinto, 2001, p. 250), tendo a interação face-a-face como fator inerente ao trabalho de campo. As informações e materiais obtidos estão sendo analisados e catalogados de acordo com critérios cronológicos e ênfases temáticas, de forma colaborativa junto aos interlocutores. A abordagem se dá através de uma etnografia da música, que, conforme Seeger (2008, p. 239), compreendendo fatores históricos, sociais, criativos/composicionais do fazer cultural, *in loco*, observando as relações da música no contexto social onde é produzida.

Para a antropóloga Mariza Peirano:

[...] a etnografia é a ideia-mãe da antropologia [e da etnomusicologia], ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria - eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos -, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação (Peirano, 2014, p. 1).

“O momento presenciado, ‘com-vivido’, incluindo a possibilidade de uma compreensão pelo sensível, se transforma facilmente em objeto da própria “pesquisa” (Lühning, 2006, p. 40). A partir dos apontamentos de Seeger, que discutem as vantagens de uma investigação a longo prazo, ele pauta que “uma maior profundidade temporal enriquece a perspectiva dos pesquisadores” (Seeger, 2008, p. 10). Em pesquisas que envolvem festejos anuais, realizados em períodos próximos, como no caso das manifestações carnavalescas aqui analisadas, torna-se necessária uma organização cuidadosa e um acompanhamento de longa duração, a fim de compreender as singularidades de cada manifestação. A inserção prolongada em campo também proporcionou o estabelecimento de relações de confiança com os interlocutores, aspecto fundamental para a realização da pesquisa etnográfica. A construção dessas conexões permitiu o acesso a narrativas, memórias, acervos e práticas que dificilmente emergiriam em contextos de observação pontual. Além disso, a posição de pesquisadora enquanto participante ativa do universo estudado rompe fronteiras entre observação e envolvimento. Essa condição, a meu ver, não compromete a pesquisa, e sim amplia suas possibilidades analíticas ao incorporar dimensões sensíveis e experienciadas do fenômeno estudado.

Minha relação com as tradições de Boi no Brasil é intensa e vai além do contato que tive na infância. Estou inserida neste universo cultural como brincante, pesquisadora, etnógrafa e musicista ativa através das tantas conexões com Mestres e Mestras dos saberes tradicionais. Em 2023 tive a honra de receber o convite para integrar a banda do Boi Bumbá Garantido, vivenciando e compreendendo de outra forma a grandiosidade do maior festejo de Boi amazônico, participando ativamente do Festival Folclórico de Parintins no Amazonas, um Estado com inúmeros Bumbás. Mas o que mais me encanta nesse processo de pesquisa é a oralidade e os saberes compartilhados por pessoas que vivenciaram e vivenciam essas tradições culturais de Norte à Sul do Brasil. Quando estive pela primeira vez em Parintins em 2022, conversando com uma senhora moradora da região ela me contou emocionada sobre as suas memórias de infância, que no período das festividades juninas cada família fazia seus próprios boizinhos em casa para a saída do Boi em cortejo pelas ruas da cidade, isso tudo antes de ganhar a proporção de um festival competitivo, como conhecemos atualmente. Esse diálogo foi pontual no despertar do interesse desta pesquisa, pois me remeteu ao Boi que um dia na infância me encantou e hoje se tornou um dos objetos investigativos deste trabalho.

Conclusão

Ao abordar os festejos de Boi no Rio Grande do Sul, é recorrente deparar-se com o desconhecimento e a surpresa diante da existência dessas manifestações na região. Tal invisibilização não se restringe ao senso comum, mas também se reflete em parte da produção bibliográfica sobre o folclore gaúcho, que frequentemente silencia ou não contempla essas práticas. Esse cenário evidencia a consolidação de narrativas que contribuíram para o apagamento dessas expressões culturais ao longo do tempo. Em contrapartida, os dados apresentados nesta pesquisa evidenciam que os folguedos de Boi no Rio Grande do Sul não apenas existem, como persistem enquanto práticas culturalmente significativas. Sua continuidade ao longo do tempo revela a força das dinâmicas comunitárias e dos processos de transmissão de saberes que sustentam essas manifestações, mesmo diante de condições adversas de reconhecimento e valorização.

A partir da pesquisa em curso, torna-se possível compreender esses folguedos como espaços de resistência simbólica, nos quais memórias afro-indígenas são constantemente atualizadas e reafirmadas. Inseridas em contextos marcados por processos históricos de marginalização, essas práticas tensionam as narrativas hegemônicas sobre a identidade gaúcha, ao evidenciarem a presença e a agência de grupos historicamente subalternizados. Ao ocuparem as ruas, mobilizarem corpos e instaurarem dinâmicas performáticas que articulam música, brincadeira e interação social, os folguedos de Boi reconfiguram o espaço urbano e demonstram outras formas de pertencimento dessas comunidades. Nesse sentido, mais do que remanescentes de um passado, essas manifestações se afirmam como práticas vivas, em constante reinvenção.

Por fim, este estudo contribui para a ampliação do campo de investigações sobre cultura popular no sul do Brasil, ao problematizar paradigmas que ainda operam a partir de perspectivas excludentes e eurocentradas. Reconhecer e valorizar os folguedos de Boi no Rio Grande do Sul implica não apenas registrar sua existência, mas compreender seu papel fundamental na construção de uma história cultural mais plural, complexa e inclusiva.

Referências

- BOIZINHO DA PRAIA. Boizinho da Praia é cultura original da região praieira gaúcha! out. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=803388576515434> Acesso em: 12 set. 2023.
- BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação. Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CARNEIRO, Edison. Dinâmica do Folclore. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira S.A, 1965



CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Global editora, 2012.

CORTES, João Carlos D'Ávila Paixão. Folclore gaúcho. Festas, bailes, música e religiosidade rural. Porto Alegre: CORAG, 2006

DUARTE, Abelardo. Folclore Negro das Alagoas. Maceió, 1974.

DUARTE, Paulo Sergio. O Poder do Corpo. In: Carlos Vergara. *Carlos Vergara. Rio de Janeiro 1972/ 1976*. Rio de Janeiro: UBS Pactual, 2007.

FRANCO, Sérgio da Costa. Gente e Coisas da Fronteira Sul: Ensaios históricos. Porto Alegre: Sulina, 2001.

FUNARTE. Instituto Nacional do Folclore, Museu de Folclore Edison Carneiro. Rio de Janeiro, 1981. 88 p. il. (Museus Brasileiros, 5)

LÜHNING, Angela. “Etnomusicologia brasileira como etnomusicologia participativa. Inquietudes em relação às músicas brasileiras”. In: TUGNY, Rosângela Pereira & QUEIROZ, Ruben Caixeta de (orgs.). *Músicas africanas e indígenas no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG: 2006. pp. 37-55

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, vol. 20, n.42. Porto Alegre July/Dec. 2014. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015.

RAYMUNDO, Jackson. Peculiares e resistentes: relatos orais e canção das tribos carnavalescas de Porto Alegre. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre, 2013, v.9, n.1.

SANTANA, Jean Fábio. A FESTA DO BUMBA-MEU-BOI NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA DO SUL: Um estudo de caso sobre contribuições afrodescendentes nos processos de identidade étnico-racial múltipla na sociedade brasileira. São Leopoldo, 2019.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. Cadernos de campo, São Paulo. n. 17, p. 237- 260, 2008 (online).